



O Camponês

ORGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

OPERÁRIOS AGRÍCOLAS, HOMENS E MULHERES! A TAREFA DA HORA PRESENTE É: ORGANIZAR, UNIR E LUTAR!

Todos nós sentimos na própria carne a dor da exploração, da miséria e sofrimento. Todos nós verificamos o agravamento constante das nossas desumanas condições de vida e de trabalho; todos nós vemos com os nossos próprios olhos que trabalhamos de sol a sol, que passamos meses inteiros desempregados, que os nossos salários são de miséria, que os grandes agrários apertam cada vez mais a sua desenfreada exploração, que o governo fascista intensifica a repressão contra nós, mas há uma condição de importância fundamental que ainda nem todos nós compreendemos bem — É A NECESSIDADE DE ORGANIZAR E UNIR TODA A NOSSA CLASSE. Nós não poderemos defender os nossos interesses de classe, não poderemos lutar com êxito contra o desemprego, pelas 8 horas de trabalho, por melhores salários, contra a repressão fascista pela REFORMA AGRÁRIA, sem criarmos uma forte organização no seio da classe, capaz de mobilizá-la e orientá-la no caminho justo da luta.

Uma das maiores fraquezas da nossa luta é a falta de organização e de unidade da classe. As greves e marchas de fome, as concentrações nas casas do povo e nas praças de jorna, nas câmaras, nos postos da GNR, juntas de freguesia, nos governos civis; abaixo-assinados com centenas e milhares de assinaturas, as centenas de reuniões de trabalhadores, com homens e mulheres, as dezenas e dezenas de comissões de unidade formadas,

etc., etc., realizadas em todo o sul a partir de 1945, nomeadamente em Pias, V. de Vargo, Baleizão, Aldeia Nova, Moura, Serpa, Beja, Ervidel, Aljustrel, Montemor-o-Novo, Alpiarça, Avis, Benavila, Couço, Souzela, Bencatel, Redondo, Montolito, Campo Maior etc., estas vitórias têm sido fruto da ORGANIZAÇÃO E UNIDADE conseguida pelos trabalhadores. QUANDO ESTAMOS ORGANIZADOS E UNIDOS VENCEMOS, QUANDO ESTAMOS DESORGANIZADOS E DESUNIDOS, NÃO PODEMOS VENCER.

Há companheiros que manifestam incompreensões em relação à organização e unidade da classe. Dizem eles quando são chamados para assistir a reuniões: «Para quê? Para ir ouvir o que já sei? O que ele disse já eu sabia». Estas ideias são erradas. Quando os trabalhadores fazem reuniões, não é para se ir ouvir discursos muito bonitos, mas para falar dos problemas sentidos e concretos da classe e procurar resolvê-los.

Quando a maioria dos 30 mil dos operários agrícolas, homens e mulheres do sul compreenderem que a sua força assenta na ORGANIZAÇÃO E UNIDADE não haverá forças que os façam trabalhar de sol a sol recusar-se-ão a trabalhar por salários de fome, e os seus direitos serão defendidos, a repressão será vencida e abrir-se-ão novas perspectivas de luta.

TRABALHADORES: O caminho para organizar e unir a classe é intensificar a realização de reuniões de trabalhadores, com homens e mulheres, nas casas do

povo, nas praças de jorna e onde pudermos. É necessário que estas reuniões se realizem não só nesta ou naquela terra, mas no maior número possível de localidades. Nas reuniões de massas devem ser discutidos todos os assuntos relacionados com os interesses dos trabalhadores: trabalho, salário, horário, condições, organização, unidade, etc. Os trabalhadores mais esclarecidos de cada localidade devem ir às terras mais atrasadas ajudar os trabalhadores dessas terras e fazerem reuniões, a formarem comissões e a organizarem a sua luta.

Os operários agrícolas devem chamar às suas reuniões os seareiros e camponeses, e ajudá-los a organizarem a luta pela defesa dos seus interesses, aliados com os trabalhadores assalariados.

Os assalariados agrícolas, devem criar em todo o sul uma poderosa rede de COMISSÕES DE UNIDADE.

AS NOSSAS REIVINDICAÇÕES ECONÓMICAS MAIS IMEDIATAS E PELAS QUAIS DEVEMOS LUTAR SÃO:

- 1º — Garantia de trabalho.
- 2º — Salários mínimos de 30\$00 para homens e 20\$00 para mulheres. Que ninguém trabalhe por menos destes salários.
- 3º — Jornada de 8 horas. Que ninguém trabalhe de sol a sol.

Avante trabalhadores! Pela organização e pela unidade, pela realização de reuniões de trabalhadores e pela formação de centenas de comissões de unidade.

ABAIXO A REPRESSÃO!

A ditadura sangrenta de Salazar, sacudida pelo movimento de libertação dos povos coloniais, que se debatem heroicamente pela sua independência, e pela acção do povo português que intensifica a sua luta pela democracia, entrou numa nova fase de crise. Os acontecimentos do ano de 1961 e os do começo do ano de 1962 trouxeram grandes e graves preocupações ao ditador. Por isso mesmo, procurando adiar a sua inevitável derrota, os salazaristas desencadearam em todo o país, uma intensa onda repressiva, visando atingir duramente as forças democráticas e quebrar a resistência e combatividade das massas trabalhadoras.

Em Dezembro e Jan., as forças repressivas da PIDE, GNR, PSP e PVT ocuparam estradas, cruzamentos, ruas, localidades, revisitando todos os veículos e identificando milhares de pessoas. Durante mais de 15 dias o trânsito nas estradas foi interceptado de dia e

noite. A PIDE entrou a matar em plena rua! O Ministro do Exército, o governador militar de Lisboa e o comandante geral da GNR e outros fascistas notórios, fizeram abertamente ameaças de que: «onde se registar alteração da ordem, haja repressão imediata!» Dezenas de cidadãos foram atirados para as prisões fascistas.

JOSÉ DIAS COELHO FOI ASSASSINADO A TIRO!

Em 19 de Dez., às 20,30 h., na rua dos Lucifados, em Lisboa, J. D. Coelho, estudante das B. Artes, dedicado amigo dos trabalhadores e do povo, membro e funcionário do PCP, foi friamente assassinado com dois tiros em pleno peito. J. D. Coelho foi cercado por cinco agentes da PIDE que actuam nas ruas como «gangsters» americanos. Isolado, sem poder defender-se, J. D. Coelho foi varado com o primeiro tiro que o derrubou e já caído no chão foi varado com mais

outro tiro!

Dias antes, vítimas da repressão fascista, caíram nas garras da PIDE 8 destacados anti-fascistas, dirigentes e funcionários do PCP: Joaquim Pires Jorge, Octávio Pato (membros do Secretariado), Américo de Sousa, Carlos Costa (membros do CC), os funcionários Julio Martins, Albina Silva, Natália David e Francisca da Costa.

Salvem as preciosas vidas destes amigos dos trabalhadores! Eles correm sérios perigos nas mãos da PIDE. Trabalhadores! Façamos baixar a mão assassina de Salazar! Façamos larga discussão nos ranchos, nas localidades, nas ruas, façamos reuniões para discutir e organizar a luta contra a repressão salazarista. Enviemos cartas, abaixo-assinados ao governo e autoridades locais exigindo que cesse a repressão, exigindo castigo para os assassinos de J. D. Coelho, façamos inscrições nas paredes: «Abaixo a repressão!» «Fora Salazar!» «Dissolução da PIDE!» «Amnistia! Amnistia! Amnistia!»

FAÇAMOS DO 1º DE MAIO DE 1962

UMA GRANDE JORNADA PELA DEMOCRACIA!

O 1º de Maio é o DIA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES. Nos países do socialismo e da democracia, onde os trabalhadores conquistaram pela primeira vez a liberdade, o direito de não serem explorados pelos capitalistas, o direito de trabalharem para si mesmo e para a sociedade, o 1º de Maio é um grande dia de festa e de alegria. Os governantes salazaristas não querem que os trabalhadores portugueses festejem o 1º de Maio. Nesse sentido, os salazaristas tomam todos os anos medidas repressivas para o impedir. Contra a vontade de Salazar e das suas medidas repressivas, milhares de trabalhadores têm comemorado o 1º de MAIO. As comemorações do 1º de Maio do ano de 1962 irão abrir novas perspectivas de luta pela democracia. A crise económica e política que domina o salazarismo, entrou numa fase mais aguda. A disposição de luta do povo português contra o ditador cresce dia a dia.

O 1º de Maio de 1962 deve ser COMEMORADO COM A PARALIZAÇÃO TOTAL DO TRABALHO, COM A REALIZAÇÃO DE PIQUENQUES DE MILHARES DE PESSOAS QUE DESFILEM EM MANIFESTAÇÕES DE RUA, CANTANDO O HINO NACIONAL E GRITANDO BEM ALTO: «VIVA A LIBERDADE E A DEMOCRACIA! FORA SALAZAR! AMNISTIA! PAZ EM ANGOLA!»

desde já se impõe a realização de largas reuniões de trabalhadores, homens, mulheres e jovens, para discutir a jornada do 1º de Maio. Que se formem imediatamente muitas comissões para organizar esta jornada.

QUE NINGUÉM TRABALHE NO 1º DE MAIO!

QUE O 8 DE MAIO SEJA UM DIA DE LUTA CONTRA A GUERRA DE ANGOLA

A 8 de Maio de 1962, faz 17 anos que terminou a 2ª guerra mundial. Ainda não se apagou a dor e o luto que ela causou a muitas centenas de milhões de pessoas, já os imperialistas, encabeçados pelos Estados Unidos e pelos revanchistas alemães, preparam encarnadamente uma nova guerra mundial. A grandiosa tarefa dos povos de todo o mundo é lutarem pela salvaguarda da Paz.

Contribuindo para a luta contra a guerra, os operários agrícolas, camponeses, todo o povo do sul, devem comemorar o 8 de Maio, aniversário do armistício lutando contra as guerras coloniais que Salazar desencadeia na África e na Ásia, contra a guerra de Angola.

QUE NO DIA 8 DE MAIO SE REALIZEM MANIFESTAÇÕES DE RUA RECLAMANDO PAZ EM ANGOLA E O REGRESSO DOS SOLDADOS QUE SE ENCONTRAM NAS COLÓNIAS.

TRABALHADORES DOS ARROZAI!

Intensifiquemos a luta por 30\$00 para homens e 20\$00 para mulheres. Não aceitemos as jornadas de miséria que os patrões nos oferecem. Façamos reuniões de trabalhadores com homens e mulheres e combinemos os preços e condições! Façamos unidade com todos os ranchos!

RECTIFICAÇÃO

Por engano, foi publicado no último número de «O Camponês» a saudação do ano de 1962, a qual deveria sair publicada neste número.

BENAVILA — 50 trabalhadores lutaram firmemente, durante 5 semanas por trabalho. Concentraram-se várias vezes na Casa do Povo, reclamando trabalho. Forçada pela firmeza dos trabalhadores, a direcção da C. do Povo arranhou trabalho para o arranque de pedra, mas com ferramenta à custa dos trabalhadores. Estes não aceitaram tais condições e dirigiram-se ao presidente da Câmara. Aqui travou-se discussão e os trabalhadores responderam: «O Sr. não nos arranja trabalho; nós não temos que comer, então vamos buscá-lo onde o houver. Mas desta vez não vamos à bolota, vamos aos celeiros!». O presidente, ao ver que os trabalhadores estavam decididos a ir buscar o comer aos celeiros, arranhou-lhes trabalho para a pedreira com ferramentas. Videntes trabalhadores de Benavila! Destes um belo exemplo de unidade e firmeza! Continuai animados desse espírito em lutas futuras.

COUÇO — Efectuou-se uma reunião com setenta trabalhadores, onde discutiram vários assuntos ligados com os seus interesses. Os trabalhadores têm feito praça à 2ª feira e lutado por melhores jornadas. Os preços nas esgalhas são 35\$00 e 5\$00.

MONTEMOR-CA-NOVO — Do e mulheres dum rancho que apanha-

vam boleta a 15\$00 por conta do agrário João Comenda, não deixaram descer a jorna. O agrário tentou baixar para 12\$00 e as mulheres responderam com firmeza: «Por 12\$00 nem uma só boleta apanhamos!». O patrão teve de dar os 15\$00. Vinte mulheres doutro rancho, que sargaçavam a 12\$00 por conta do Capolias, pediram 15\$00. Ele recusou-se. As mulheres responderam: «Então vamos embora!». O agrário cedeu os 15\$00.

GRÂNDOLA — Na abertura de valas nas ruas e colocação de manilhas para o esgoto, trabalhavam várias homens a 27\$00 e 8 horas. Nas primeiras semanas creches descontado 3,5% nas suas férias. Depois quiseram descontar mais 7% que diziam ser para enviar para Angola. Todos os trabalhadores protestaram e recusaram-se a receber as férias. Perante esta atitude firme e decidida dos trabalhadores as férias foram pagas sem qualquer desconto.

ABELA — Por conta da Câmara de S. Tiago de Cacem, trabalhavam vários trabalhadores com a jorna de 25\$00. Na semana seguinte, a Câmara só queria pagar 25\$00 mas os trabalhadores recusaram-se a pegar no trabalho e exigiram 25\$00. O Sr. Ermenegilde Jesus Pinheiro ameaças. Os trabalhadores abandonaram o trabalho protestando contra as provocações.

Mais de 50 mil manifestantes na cidade gritaram: «Viva a liberdade e a democracia!». «Portugal, sim, Salazar, não!», «Viva o Delgado!», «Alvaro Cunhal!», «Amnistia!», «Fora Salazar!», «Paz em Angola!». Os estudantes deitaram-se na via pública fazendo paralisar o trânsito. Os manifestantes lutaram desde as 18,30 h. até à 1 h. da madrugada. As pessoas presas eram libertadas das mãos da polícia. Vários polícias foram soados. Ficaram 22 pessoas feridas. Operários agrícolas! Camponeses! A importante manifestação

anti-fascista do Porto mostra a disposição do povo português de se libertar da tirania salazarista. Ela aponta o caminho justo a seguir para o nosso povo se libertar. Esta magnífica jornada, que durou dois meses a organizar, abre perspectivas a novas acções contra o salazarismo. Esta importante manifestação abre caminho para a jornada do 1º de Maio. «O Camponês» saúda a classe operária, os estudantes e todo o povo do Porto pela sua heroica acção pela democracia e contra a opressão fascista

PREPAREMOS-NOS PARA AS MONDAS

Este ano vamos entrar nas mondas ainda com mais miséria e com dívidas. Aproveitemos a experiência de lutas dos anos anteriores para arrancar este ano melhores jornadas.

As searas estão bem começadas e os agrários precisam de as mendar. Embora muitos deles apliquem já a monda química, há muitos outros que não, pois ainda não dá os resultados desejados.

Para se alcançar melhores jornadas, é indispensável a ORGANIZAÇÃO E UNIDADE. Sem esta condição fundamental, não pode-

remos vencer a resistência e as manobras dos patrões sempre dispostos a explorar ao máximo os trabalhadores.

Desde já é necessário que os trabalhadores, homens e mulheres, reúnam nas praças de jorna, C. do Povo e onde puderem para discutirem entre si os preços a estabelecer.

Lutemos por 30\$00 para homens e 20\$00 para mulheres!

Avante por melhores jornadas!

cada pela política do salazarismo é a mesma que a dos seus irmãos do sul. Salazar é o único responsável pela decadência da lavoura.

Só a realização da REFORMA AGRÁRIA que garanta uma verdadeira assistência técnica, económica e financeira, pode defender os interesses dos camponeses e proporcionar o desenvolvimento duma agricultura florescente. Mas não é o governo de Salazar que está interessado em seguir tal orientação. Salazar serve apenas os interesses dos grandes banqueiros, dos grandes industriais e comerciantes, dos grandes lavradores. Ele despreza aqueles que trabalham a terra. A realização duma verdadeira REFORMA AGRÁRIA, defesa dos interesses dos pequenos e médios camponeses e o desenvolvimento duma agricultura progressiva, é tarefa para um governo democrático que o povo português levará ao poder após ter derrubado a ditadura de Salazar.

O único caminho justo a seguir por todos os camponeses de Portugal, é unirem-se à classe operária na luta contra Salazar, na luta pelo levantamento nacional que ponha fim ao fascismo. É necessário que os pequenos e médios lavradores do Norte e do Sul organizem a sua luta contra os impostos elevados e taxas de toda a ordem, contra as rendas caras, e requeiram do governo subsídios e créditos baratos, assistência técnica, barateamento dos artigos industriais que interessam à lavoura (adubos, insecticidas, etc.).

Que todos exijam a distribuição das terras incultas por aqueles que as trabalham.

QUE NENHUM LAVRADOR DEIXE ROUBAR AS SUAS TERRAS HIPOTECADAS

AUXÍLIO A «O CAMPONÊS»

Para «O Camponês».....	20\$00
.....	10\$00
Camponeses unidos.....	15\$00
	45\$00

O DESEMPREGO

Milhares de trabalhadores agrícolas estão sem trabalho em todo o Alentejo. Em Pias, Moura, V. Vargo, A. Nova, Serpa, Baleizão, Montoito, Avis, Benavila, Souzela e muitas outras vilas e aldeias do Alentejo, o desemprego é praticamente total. Os causadores e únicos responsáveis do desemprego, são os grandes agrários, os grandes monopólios e o governo de Salazar que os serve. Enquanto há centenas de milhares de hectares em pousio, enquanto o governo compra aos Estados Unidos trigo, centeio, cevada, milho, etc, estão milhares e milhares de trabalhadores desempregados e passando fome.

Operários agrícolas! Levantai-vos como um só e concentraí-vos

nas Casas do Povo, câmaras, juntas de freguesias, postos da GNR, governos civis, reclamando com firmeza TRABALHO PARA TODOS OS DESEMPREGADOS. Marchemos pelas ruas com os nossos filhos e gritando: «Temos fome! Queremos trabalho! Queremos a terra! Vamos buscar o comer onde o houver! Segui o exemplo de firmeza e decisão dos nossos companheiros de Benavila que afirmaram às autoridades: «Não nos arranjam trabalho, vamos buscar o comer onde o houver, mas desta vez não vamos à boleta—vamos aos celeiros!»

Façamos reuniões de desempregados! Formemos comissões para conduzirem a luta contra o desemprego!

A SITUAÇÃO DA LAVOURA TRANSMONTANA

mas não importa que o lavrador perca. O que importa é que se paguem as contribuições, os impostos, as licenças dos bois, do burro, do cão, etc., etc. O lavrador a empobrecer e as contribuições a aumentarem!...

Política? Qual política nem meia política! A política do nosso humilde lavrador é a enxada, é a rabiça do arado. A única aspiração do lavrador desta região transmontana é o trabalho, é a paz, é o pão de cada dia, é o futuro dos seus filhos, são algumas migalhas para a velhice. A gente do campo, regra geral, não é ambiciosa, vive numa aflição constante, numa inquietação permanente que pode arrastar consequências muito funestas.

Esses senhores que lá do alto tanto e tanto se preocupam com o êxodo da gente rural, com o despovoamento das nossas aldeias, com a fuga para a cidade, que venham para cá e tomem conta dos

nossos campos. Aqui não se trabalha oito horas. Aqui não se trabalha de sol a sol. Aqui a gente levanta-se quando começa a luzir o boraco e regressa do campo quando é noite escura. E depois ainda estão as alfaías agrícolas para arrumar e os animais para alojar e acomodar. Esses senhores de palavreado barato que venham para cá e apliquem directamente as suas teorias balofas. Isto não é política, mas sim falta de dinheiro, é a miséria, é a inquietação, é a falta de justiça. Para onde caminhamos? Senhores governantes, é tempo de se acordar. Amanhã pode ser tarde! A lavoura é o coração, é o sangue da Pátria! Ferir a lavoura é pois ferir a Pátria na sua parte mais delicada. É tempo de acordar...

» UM LAVRADOR

A situação de miséria e de ruína dos camponeses de TRÁS-OS-MONTES, miséria e ruína provo-

Morte Muito Sentida em Aljustrel

Muitos milhares de pessoas, entre elas centenas de mineiros, incorporaram-se no funeral do inditoso mineiro Alberto Guerreiro Amaro que faleceu num brutal acidente de trabalho no Metropolitano de Lisboa. Foi um dos maiores funerais registados nesta localidade. A. Guerreiro, mineiro grevista de 1960, preso e espancado pela PIDE, esteve alguns meses no Forte de Caxias e após o julgamento foi despedido da mina de Algarves. A impressionante manifestação de pesar do povo da sua terra, deve-se ao facto de A. Guerreiro ter sido um lutador anti-fascista.

Guerreiro foi vítima da incúria e desprezo que o salazarismo tem pela vida dos trabalhadores.

«O Camponês» envia as suas condolências à família enlutada.

Foi cortado pela censura um artigo que se pretendia transcrever no jornal de Catanhede e que tinha sido publicado no jornal da Casa do Povo de Valpaços, Trás-os-Montes. Eis o artigo:

POBRES LAVRADORES

«Os lavradores desta região só já vêm à sua frente a derrocada, a desgraça. A miséria aproxima-se. Todos exploram, todos sugam o pobre lavrador.

Há tabelas que não consentem a subida de preços dos géneros agrícolas. Há preços máximos que se não podem ultrapassar. Mas não há preços mínimos. Os géneros da lavoura não podem subir, mas podem baixar, baixar ainda mesmo que o lavrador fique na miséria, a ponto de ser obrigado a vender, a fugir das terras que ele ou os seus maiores adquiriram à custa do sangue das suas veias.

Importa que o comerciante e sobretudo o armazenista, o intermediário ganhe (e ganhe bem!),